

ESTUDO NO EVANGELHO DE MARCOS EBD IBCU 01/10 a 19/11/2017

INTRODUÇÃO

O estudo do Evangelho de Marcos ajuda pessoas ocupadas que desejam usar cada oportunidade que tem para servir a Deus.

Nele nosso Senhor é apresentado em movimento, indo ao encontro das necessidades físicas e espirituais de todo o tipo de pessoas.

Certamente com este estudo, seremos estimulados a sermos menos espectadores e mais participantes, assim como menos celebridades e mais servos, no processo de evangelização e implantação do Reino de Deus.

Através do Evangelho de Marcos nós descobrimos a marcante característica de Jesus Cristo como servo. Enquanto Mateus escreveu para uma audiência judaica, enfatizando o Messias longamente esperado e que veio através da linhagem de Davi cumprindo as promessas do Velho Testamento, Marcos escreveu para uma audiência romana que tinha pouco ou nenhum interesse em um Messias judaico, mas grande interesse na história de um servo chamado Jesus.

Assim, focando no caráter desse homem chamado Jesus, Marcos afirma que certamente ele é o Messias (Mc 8.29), o Filho de Deus (Mc 1.10-11), o único Deus-homem, completamente humano e totalmente divino, realizando milagres que só Deus pode operar. E para enfatizar a sua divindade, Marcos registra que Jesus expulsou demônios (1.21-28), curou doentes (1.32-34), purificou leprosos (1.40-45), fez um paralítico andar (2.1-12), acalmou uma tempestade (4.35-41), ressuscitou dos mortos uma menina (5.35-43), alimentou cinco mil pessoas com uma pequena quantidade de comida (6.32-44) e andou sobre o mar (6.45-51).

Mas não apresentou Cristo na aparência de um rei, antes o apresenta como o servo sofredor (Mc 8.31) que veio para ganhar os corações e resgatar as vidas do povo perdido através de seu ato de amor ao dar sua vida na cruz para pagar o preço dos pecados de todos.

De fato Marcos assim resume o propósito último da missão terrena do Cristo:

“Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”(Mc 10.45)

O APARECIMENTO E A FIXAÇÃO DE UM CÂNON

Por volta do ano 180, a Igreja de Roma compilou uma relação de livros, conhecida agora como o Cânon Muratoriano. Embora se tenha apenas fragmentos, parece que a lista original continha os quatro evangelhos, treze cartas de Paulo, as três cartas de João, Judas e Apocalipse. Apenas as cartas de Tiago e Hebreus estavam definitivamente ausentes. O nome do documento vem de um bibliotecário chamado Muratori, que descreveu o fragmento no oitavo século, em Milão. Esse documento já continha alguns princípios para seleção e rejeição dos escritos: Autoria apostólica; Ortodoxia; Antiguidade.

Outras vozes começaram a se pronunciar acerca das coletâneas de suas igrejas também, muitas delas bem separadas geograficamente, o que valorizava esse testemunho.

Irineu que era da Ásia Menor (morreu em 190), fora discípulo de Policarpo e foi posteriormente para Roma por um tempo e depois se tornou Bispo de Lion, na Gália (França). O predecessor dele, Potino, havia se associado com cristãos dos dias apostólicos. Sua principal obra, “Contra as Heresias”, é bem clara acerca do que chama quádruplo Evangelho, e cita como autorizados todos os livros no NT, exceto Filemon, Tiago, 2Pedro, 2João e Judas. Ele colocou Hebreus numa posição subcanônica. No entanto aceitava “O Pastor de Hermas” como escritura. A omissão dos poucos livros pode ter sido acidental, pois ele não dá uma lista formal daquela que já reconhecia como escritura.

Clemente de Alexandria (que morreu por volta de 215) escreveu comentários sobre todos os livros do NT, segundo nos informa Eusébio. Embora distinguisse os quatro Evangelhos dos Evangelhos Apócrifos, aceitou como escritura 1Clemente (carta de Clemente de Roma aos Coríntios), o Didaquê (Ensino do Senhor Através dos Doze Apóstolos), a Carta de Barnabé, o Pastor de Hermas, o Apocalipse de Pedro e a Pregação de Pedro.

Tertuliano (que morreu por volta de 220), natural de Cartago, no norte da África, citou todos os livros do NT exceto 2Pedro, 2 e 3João e Tiago. Dizia que Barnabé havia escrito o livro de Hebreus. Aparentemente foi o primeiro a usar o termo “Novo Testamento” para se referir a coletânea de escritos cristãos recebidos pelas igrejas.

Vários desses escritos foram traduzidos em siríaco, cóptico e posteriormente em latim, visto que Tertuliano foi o primeiro cristão a usar extensivamente o latim, acrescido ao fato de que Jerônimo

terminou a tradução da Vulgata no quarto século (o NT em 390 e o AT em 405).

Orígenes de Alexandria e Cesaréia, Dionísio de Alexandria e Eusébio de Cesaréia (que quando bispo de Cesaréia teve a maior biblioteca de escritos cristãos do mundo), foram nomes que deram continuidade ao processo de fixação do cânon. O imperador Constantino no ano de 331, pediu que Eusébio preparasse cinquenta cópias em grego dos livros aceitos nas igrejas cristãs (isso iria incluir, portanto, a Septuaginta). Alguns estudiosos modernos acham que talvez, duas dessas cinquenta cópias sejam os grandes manuscritos hoje conhecidos como 'Vaticanus' (que está na Biblioteca do Vaticano) e "Sinaiticus" (que está no Museu Britânico).

No ano 367, Atanásio, Bispo de Alexandria de 328 a 373, publicou uma carta de Páscoa às igrejas que estavam sob sua responsabilidade. Esta carta continha uma lista de vinte e sete livros que haviam sido aprovados para instrução doutrinária. Essa lista coincide com os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento.

Nunca foi convocado um concílio geral das igrejas para definir o cânon do Novo Testamento. No entanto os concílios subsequentes a Atanásio confirmaram o que parecia ter sido aceito. Jerônimo começou sua tradução da Vulgata em 383, e sua lista é idêntica a de Atanásio. O Concílio de Hipona em 393, o Terceiro concílio de Cartago em 397 e Agostinho, que morreu em 430, todos publicaram listas que coincidiam com os vinte e sete livros da Carta de Páscoa de Atanásio de 367.

Vê-se assim que o processo de desenvolvimento e aceitação do cânon foram bem indefinidos. As condições em que os livros circularam pelas igrejas e o tempo decorrido, com a natural dificuldade de comunicação tornaram o processo longo e necessário para que fossem espurgadas heresias e avaliados os critérios, ou princípios, para fixação do cânon. Nisso vemos a soberana ação do Espírito Santo conduzindo todo esse processo.

Apesar do fato óbvio de que as Escrituras foram escritas por homens, a autoridade de seu conteúdo encontra-se, em última análise, em Deus. Antes dos livros serem escritos, houve o testemunho apostólico, e antes do testemunho apostólico houve o próprio Senhor Jesus Cristo, que o Pai enviara ao mundo para trazer redenção. Por isso, na seleção dos vinte e sete livros, certos princípios foram seguidos. Eusébio os apresenta em sua grande obra "História Eclesiástica", que resumidamente são os seguintes:

Origem Apóstolica; Aceitação pelas Igrejas por seu uso continuado; Consistência Doutrinária com o padrão do AT.

O TEXTO DO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento que temos hoje e cujo conteúdo cremos ter sido inspirado pelo Espírito Santo que usou poderosamente homens falíveis como nós para que seu registro fosse feito e chegasse até nós, passou por todo esse processo que vimos até aqui, acrescido do fato de que nenhum dos manuscritos originais, chamados autógrafos, sobreviveram, e que os manuscritos hoje existentes tem muitas diferenças textuais entre si. Diz-se até que, das 4800 cópias em grego de diferentes partes do NT, não existem duas exatamente iguais. O mais antigo manuscrito existente hoje é uma porção do Evangelho de João (18.31-33 e 37-38) que foi escrito durante o primeiro quartel do segundo século. Os manuscritos mais confiáveis datam do terceiro e quarto séculos.

O processo de aproximação visando a tentativa de restauração do texto original, criou uma ciência denominada Crítica Textual. É tarefa do crítico textual restaurar tão próximo quanto possível o conteúdo do texto original e explicar como esse texto foi conseguido.

Um grande número de manuscritos, chamados de códex, e inúmeras versões do texto, em materiais e línguas diferentes, formam o universo de estudo e pesquisa da Crítica Textual.

O PROBLEMA SINÓTICO

No caso dos três primeiros Evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas), estes foram chamados de “Evangelhos Sinóticos” um termo cunhado por J.J.Griesbach entre 1774 e 1778. O termo vem do grego ‘sunoráo’ que significa ‘ver junto’, e chama a atenção para o material comum a todos os três indicando que eles são melhor entendidos quando estudados em conjunto.

Com base em extensos estudos, é quase universalmente aceito que o Evangelho de Marcos é o mais antigo dos sinóticos e que tanto Mateus como Lucas fizeram uso de Marcos na composição de seus escritos.

AUTORIA

Embora o Evangelho de Marcos seja anônimo por não haver dentro do livro nenhuma indicação definida de sua autoria, desde o

início do segundo século ela tem sido atribuída a “...João, cognominado Marcos” (At 12.12), o filho de Maria para cuja casa Pedro fugiu depois de escapar da prisão. O mesmo Marcos que Paulo e Barnabé levaram com eles na chamada primeira viagem missionária (At 12.25). Ele era primo de Barnabé (Cl 4.10). Mais referências a Marcos em conexão com Pedro, Barnabé, Paulo e Timóteo temos em vários textos: At 13.13; At 15.37; At 15.39; Cl 4.10,11 Fl 24; 2Tm 4.11; 1Pe 5.12,13.

Os pais primitivos são enfáticos em afirmar que João Marcos coletou seu material de Pedro. Eusébio, em sua História Eclesiástica, afirma que Marcos havia se tornado o intérprete de Pedro. Justino Mártir (cerca do ano 150) cita o Evangelho de Marcos como sendo “memórias de Pedro”. Irineu também identifica Marcos como “discípulo e intérprete” de Pedro. Clemente de Alexandria chega a afirmar que “Pedro ainda estava vivo, quando Marcos escreveu, e verificou a precisão de sua narrativa”. Devido ao testemunho antigo da igreja, pouca dúvida pode haver de que João Marcos escreveu o segundo Evangelho. Provavelmente ele era jovem demais para ter seguido a Jesus nos dias de Seu ministério. Contudo, alguns estudiosos sugerem que o jovem mancebo de Marcos 14.51,52 é uma referência encoberta ao próprio autor.

DATA E LOCAL DA ESCRITA

Parece haver uma concordância geral entre os estudiosos, de que Marcos escreveu seu Evangelho na Itália, mais precisamente em Roma. Isso ajudaria a explicar a precoce aceitação do livro na igreja ocidental. Há, de fato, certas evidências no NT de que Marcos esteve em Roma com Paulo e talvez com Pedro. Se de fato Paulo escreveu a Carta aos Colossenses de Roma, Marcos estava lá nessa ocasião. Se Paulo escreveu 2Timóteo, como cremos, e se Timóteo fez o que Paulo pediu, Timóteo e Marcos chegaram a Roma provavelmente antes de sua morte. Se Babilônia, em 1Pedro 5.13, é uma referência velada a Roma, Marcos estava em Roma com Pedro quando essa carta foi escrita.

Não apenas evidências internas com as acima, mas também externas ao texto, como de Clemente de Roma em sua carta aos Coríntios que cita as presenças de Paulo e Pedro em Roma na época das grandes perseguições à igreja no período de Nero, nos fazem concluir com segurança que o Evangelho de Marcos foi escrito em Roma.

A época em que foi escrito não é tão fácil assim de definir. Depende, por exemplo, se ele escreveu antes ou depois da morte de Pedro. Irineu disse que foi escrito após a morte de Pedro. Clemente de Alexandria diz que foi escrito antes. Mas outras considerações podem ser ainda feitas.

Conforme já citamos, é quase unânime a afirmação de que Mateus e Lucas usaram o texto de Marcos como parte principal de suas fontes. Com certeza Lucas-Atos foi escrito após a morte de Paulo. Apesar da dificuldade de fixação de uma data, considerando o que acabamos de ver, o evangelho de Marcos teria sido escrito em Roma, antes de Mateus e Lucas, e provavelmente por volta do ano 65.

O PROPÓSITO E A MENSAGEM DE MARCOS

Marcos embora não tivesse sido um dos doze certamente fazia parte de um dos primeiros grupos de convertidos e seguidores de Jesus. Os vínculos de sua família com Pedro e com o próprio Senhor Jesus nos autorizam a pensar assim. Viveu portanto próximo dos acontecimentos que marcaram o ministério terreno de Jesus. Ao registrar e ordenar os fatos, cujo conhecimento maior advinha do próprio apóstolo Pedro, Marcos demonstra uma preocupação pastoral em apresentar de forma objetiva e simples a mensagem do evangelho livre das distorções perigosas que começavam a rondar a vida dos primeiros cristãos em Roma, vivendo em meio a grandes tribulações e perseguição. Aparentemente muitos daqueles crentes estavam se fixando apenas na divindade de Jesus, na sua gloriosa ressurreição, a ponto de começarem a ignorar sua humanidade e sofrimento. Desse modo eles ansiavam ficar livres de sofrimento nesta vida e logo se encontrarem com Jesus na sua glória. Marcos, pastoral e teologicamente, reconta a história de Jesus, mostrando que o reino e sua glória viriam ao fim de uma vida de sofrimento e serviço. Enquanto Mateus focou em um Jesus mestre de quem devíamos aprender (Mt 11.29; 28.20) e João no Filho de Deus em quem devíamos crer (Jo 20.31), Marcos retratou Jesus principalmente como servo-rei ao qual devemos segui-lo (Mc 1.17). Assim, se queremos gozar as glórias do seu reino, devemos também seguir o caminho do seu sofrimento e serviço.

“Princípio do evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (Mc 1.1). Assim começa o texto. O Termo ‘evangelho’ que significava a

recompensa pela transmissão da boa notícia, veio a significar a própria boa notícia. E a boa notícia é o que Deus fez em Jesus Cristo, de acordo com as promessas do AT. Encarnação, vida, morte, ressurreição, e exaltação de Jesus, para vencer as forças do mal e salvar o homem de seu pecado, inaugurando dessa forma o seu reino e oferecendo salvação com a chamada ao arrependimento (conversão) e fé.

Na vida e obra de Jesus o tempo se cumpre (kairós) e a 'era por vir' foi inaugurada. Em Jesus, Deus decisivamente entrou na história, para levá-la a seu alvo. O lado positivo é a redenção, mas o lado negativo é o juízo.

O FINAL DE MARCOS

Nos manuscritos mais importantes e antigos dos primeiros séculos, o evangelho de Marcos termina com o versículo 8 do capítulo 16. Os versos que se seguem (9-20) não aparecem em nenhum dos manuscritos importantes. Só são encontrados em manuscritos bem posteriores e de qualidade inferior textualmente. Também esses versos finais (9-20) estão em um estilo literário bem diferente e inferior ao restante do texto, o que indica não ter sido escrito pela mesma pessoa. O que pode ter ocorrido então? Duas são as hipóteses; 1- Marcos talvez tenha morrido antes de terminá-lo, talvez martirizado; 2- Houve um período em que os evangelhos de Mateus e Lucas passaram a ser mais usados pelas igrejas, o que talvez tenha motivado um certo abandono de Marcos que chegou a ter apenas uma cópia, e que devido ao uso a sua parte final foi perdida.

Se o final perdido foi posteriormente encontrado e re-anexado ao texto, isso é mera especulação. O fato é que foi sentido que o final em 16.8 era insuficiente, especialmente à luz dos finais de Mateus e Lucas. Foi feito assim uma tentativa de se ter um término que harmonizasse com os outros evangelhos. A Crítica Textual moderna não chegou a um consenso sobre isso mas tem uma forte tendência de rejeitar qualquer final após 16.8.

Há dois finais. Um chamado 'o mais extenso' (que consta da maioria das traduções e versões que usamos, versos 9 a 20) e outro 'o mais curto', que inclui apenas o seguinte: " Em poucas palavras as mulheres contaram a Pedro e aos seus companheiros tudo o que o anjo lhes disse. Depois disso, Jesus mesmo, por meio de seus discípulos, enviou do Oriente ao Ocidente a mensagem incorruptível da salvação eterna. Amém".

O SERVO DE DEUS ESTÁ AQUI! MARCOS 1.1-45

O evangelho não é nem uma discussão nem um debate.
É um anúncio, uma proclamação!
Marcos não perdeu tempo e fez isso logo nas primeiras palavras do seu livro.

Mateus, que primariamente escreveu para judeus, começou com a genealogia. Ele precisava provar a seus leitores que Jesus era de fato o herdeiro, de pleno direito, do trono de Davi.

Lucas, que focou principalmente no aspecto misericordioso do Filho do Homem, usou os primeiros capítulos de seu livro para registrar o nascimento do Salvador. Enfatizando a humanidade de Jesus, os leitores gregos fariam a identificação entre o bebê perfeito que havia crescido tornando-se o Homem perfeito.

João começou suas considerações acerca da eternidade. E por que isso? Ele escreveu para provar ao mundo que Jesus Cristo de Nazaré é o Filho de Deus (Jo 20.31). O tema do evangelho de João é a divindade de Cristo, mas o objetivo do seu evangelho é encorajar seus leitores a crerem nesse Salvador e receberem a dádiva da vida eterna.

Onde Marcos entra nisso tudo? Marcos escreve para os romanos e o seu tema é Jesus Cristo o Servo! O verso que se torna o texto chave do seu evangelho é: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). O fato de Marcos ter escrito para os romanos nos ajuda a entender seu estilo e abordagem. A ênfase neste evangelho é na atividade de Jesus, movendo-se ocupado em suprir as necessidades físicas e espirituais de todo o tipo de pessoas. O uso de palavras como ‘imediatamente’, enfatizam isso. Quase não são registrados sermões, pois a preocupação maior de Marcos era mostrar o que Jesus fazia, e nem tanto o que ele dizia. Por isso não se preocupou com o nascimento ou a genealogia de Jesus, pois isso não é levado em conta quando se trata de um servo.

Neste primeiro capítulo, Marcos compartilha três importantes fatos acerca do Deus-Servo:

A IDENTIDADE DO SERVO (1.1-11)

A AUTORIDADE DO SERVO (1.12-28)

A COMPAIXÃO DO SERVO (1.29-45)

A IDENTIDADE DO SERVO MARCOS 1.1-11

Para fazer isso, Marcos recorre a testemunhos plenamente confiáveis para assegurar essa identidade.

1-Ele mesmo, João Marcos é a primeira testemunha.(v.1)

Ao afirmar enfaticamente no verso 1 a divindade de Jesus, ele se baseia no seu próprio conhecimento dos fatos por ter sido testemunha ocular, desde seus tenros anos, do ministério de Jesus. Aí devem ser considerados os fatos relativos a sua família e o relacionamento dela com Pedro e de que sua casa era uma espécie de sede em Jerusalém, do Senhor Jesus e seus discípulos. At 12.1-19; Mc 14.51,52; 1Pe 5.13.

2-O testemunho dos profetas.(vv.2-3)

Marcos cita duas referências de profetas do AT, Ml 3.1 e Is 40.3, e também Ex 23.20 relativas ao cumprimento em João Batista preparando o caminho do Senhor, identificado como o Senhor e Deus Jeová. Mt 3; Lc 3.1-18; Jo 1.19-34.

3-O testemunho de João Batista.(vv.4-8)

Chamado pelo próprio Jesus de o maior de todos os profetas. Pela sua maneira de vestir, estilo de vida e mensagem de arrependimento, ele foi identificado com o profeta Elias (2Rs 1.8; Ml 4.5; Mt 17.10-13; Lc 1.13-17). Há similaridades entre o deserto espiritual em que João pregava com o deserto em que o povo de Israel passou 40 anos e que só Josué (Jesus) o fez entrar na terra prometida.

4-O Pai e o Espírito Santo como testemunhas últimas da identidade do Servo de Deus.(vv.9-11)

Quando Jesus foi batizado por João no Rio Jordão, o Espírito veio sobre Ele em forma de uma pomba e o Pai falou do céu, identificando-o como o Seu Filho amado. O povo que estava lá não viu ou ouviu mas Jesus e João sim. (Jo 1.29-34)

A AUTORIDADE DO SERVO MARCOS 1.12-28

O esperado é que um servo esteja debaixo de autoridade e receba ordens, mas O Servo de Deus exerce autoridade e dá ordens,

mesmo sobre demônios. Marcos nos revela três situações que revelam a autoridade do Senhor Jesus como Servo de Deus.

1-Sua tentação.(vv.12-13)

Marcos não descreve tão extensivamente como Mateus (Mt 4.1-11) e Lucas (Lc 4.1-13) o episódio, mas acrescenta vívidos detalhes que os outros omitem. Enquanto Mateus e Lucas usam termos como 'enviado' e 'guiado', Marcos registra de forma contundente 'impelido', termos onze vezes usado para descrever a expulsão de demônios. Isso não quer dizer que Jesus foi levado contra a vontade ao deserto, mas que expressa a intensidade da experiência. De forma simbólica Marcos identifica os 40 dias com os 40 anos do povo no deserto em que o povo falhou mas o Senhor saiu vitorioso, e também a figura das feras, apontando para o futuro em que o segundo Adão, Jesus, restaurará o domínio perdido pelo primeiro, ao cair em tentação no Jardim.(1Co 15.45; Gn 1.28; Sl 8; Is 11.6-9)

2-Sua pregação.(vv.14-22)

Os escribas falavam da parte das autoridades, mas Jesus falava com autoridade (Mt 7.28-29). A Sua mensagem era o evangelho do reino de Deus. Os judeus entendiam uma mensagem de revolução política, mas não era isso que Jesus tinha em mente. Seu reino era espiritual e não uma organização política. O evangelho era de Deus, porque vem de Deus e nos leva a Ele. É o evangelho do reino pois a fé no Salvador nos leva a entrar nele. É o evangelho de Jesus Cristo porque Ele é o centro de tudo, pois sem sua vida, morte e ressurreição não haveria boas notícias. Paulo chamou de 'evangelho da graça de Deus' (At 20.24), pois não pode haver salvação sem a graça (Ef 2.8-9). Assim há um só evangelho (Gl 1.1-9) que se baseia tão somente no que Jesus fez na cruz por nós (1Co 15.1-11). A autoridade da Sua pregação fez com que chamasse homens ocupados, em sua maioria pescadores, para deixarem suas ocupações regulares e seguí-lo, tornando-se seus discípulos. O termo 'pescadores de homens' não foi cunhado por Jesus. Naquela época era comum haver filósofos e mestres que conquistavam as mentes das pessoas através de seu ensino e persuasão. Era como se lançassem o anzol com os seus ensinamentos e pescassem os discípulos. No caso de Jesus, é muito significativo ele ter escolhido em sua maioria pescadores pois pela natureza do ofício o pescador nunca pode desistir ou reclamar de sua atividade, que é difícil por natureza. Logo os pescadores de sucesso, da mesma maneira que os discípulos de Jesus, precisam ter coragem,

habilidade para trabalhar juntos, paciência, energia, adrenalina, fé e tenacidade.

3-Seu poder.(vv.23-28)

Seu poder e autoridade se manifestavam sempre que necessário, mas estritamente dentro dos objetivos de seu ministério e no tempo próprio. Jesus ordenou não apenas que satanás se calasse mas que de imediato saísse daquele homem. Provavelmente aquele homem já perambulasse por várias sinagogas e fosse conhecido das pessoas que a frequentavam. Jesus não precisa nem deseja qualquer ajuda do inimigo para o desempenho de seu ministério e de seus discípulos (At 16.16-24; At 19.13-17).

A COMPAIXÃO DO SERVO MARCOS 1.29-45

Dois milagres em especial, são descritos nesta passagem. Ambos revelando a compaixão do Salvador por aqueles em necessidade. Multidões onde todo o tipo de necessitados havia, acorriam a Ele, incluindo endemoninhados e leprosos. Ele, amorosamente ministrou a todos eles.

1-A cura da sogra de Pedro e muitas outras curas.(vv.29-34)

Jesus, ao deixar a sinagoga, dirigiu-se a casa de Pedro para a refeição do sábado. Não sabemos dos outros discípulos mas este trecho nos informa que Pedro era casado. Interessante o fato de que Pedro e André trouxeram para a casa não só os companheiros Tiago e João, mas também o Mestre. Uma figura interessante: Não deixaram Jesus na sinagoga, mas o levaram pra casa! Com o passar do tempo o visitante se torna o hospedeiro assim como o passageiro no barco de Pedro se tornaria o capitão (Lc 5.1-11). Logo que chegaram, sem qualquer demora ou cerimônia, disseram a Jesus que a sogra de Pedro estava doente. Ele prontamente a acudiu curando-a, de forma que a febre instantaneamente a deixou e logo os servia. Como resultado, logo após o término do sábado, multidão de doentes e endemoninhados se aglomeraram à porta da casa e Jesus a todos curava, manifestando sua compaixão.

2-Discernindo prioridades.(vv.35-39)

Com toda a demanda das multidões carentes a pressioná-lo, Jesus não abriu mão das suas prioridades. Levantou-se de madrugada e foi para um lugar deserto orar. Mesmo tendo ficado até tarde na véspera atendendo a demanda do ministério, isso não seria suficiente para afastá-lo do compromisso vital de sua comunhão

com o Pai em oração. Seja isso um estímulo para não sucumbirmos ao urgente em detrimento do fundamental, mesmo no ministério. Na sequência os discípulos o acharam e o informaram que a demanda por curas e livramentos continuava ainda maior. A decisão firme do Senhor nos alerta de que o mais importante é a proclamação do evangelho e que a compaixão pelas necessidades deve vir como consequência e não como prioridade, como ele mesmo afirmou (v.38).

3-A cura de um leproso.(vv.40-45)

O outro milagre marcante registrado neste trecho, foi a cura de um leproso que dele se aproximou. Interessante é que esse homem sabia que Jesus podia curá-lo, mas não estava certo de que Ele queria. Pecadores perdidos hoje, por vezes tem a mesma perspectiva, perdendo de vista o que nos dizem as escrituras, de que a vontade do Pai é que todos sejamos salvos, que Ele deseja que nenhum de nós pereça (2Pe 3-9; 1Tm 2.4). Por razões já conhecidas devido ao cuidado necessário com a divulgação da natureza do Messias antes da hora adequada, esse leproso foi insistentemente alertado para que não divulgasse o que lhe havia acontecido, cumprindo apenas o ritual de purificação junto aos sacerdotes conforme orientação da lei (Lv 14). Mas ele não obedeceu. Jesus disse àquele homem que ficasse quieto, mas ele falou com todo mundo. Jesus nos manda falar com todo mundo acerca do evangelho, mas nós, muitas vezes, ficamos quietos!